

ICS/DAN
Disciplinas: Antropologia da Saúde e
Sociedades Indígenas
Professora: Sílvia Guimarães
Email: dan.unb.disciplina1@gmail.com
Quarta e sexta - 14h-16h

Plano de curso

Ementa - Antropologia da Saúde

O adoecimento como fenômeno social, cultural e historicamente construído. As concepções culturais de saúde, doença, sofrimento, distúrbio, infortúnio e também cura, cuidado, convalescência, palição, morrer e morte. Configurações do encontro clínico, dos serviços de saúde e das políticas voltadas à saúde. O pluralismo médico e os diferentes terapeutas elencados para curar e tratar. Protagonismo e organização de pacientes. O campo da antropologia da saúde no Brasil e na América Latina. Diferenças e aproximações entre antropologia da saúde e antropologia médica.

Ementa: - Sociedades Indígenas

Estudo dos aspectos sociais, econômicos, ecológicos, políticos, rituais, mitológicos, mágicos, religiosos e cosmológicos integrados em totalidades, através da leitura e discussão de monografias sobre algumas sociedades indígenas.

Objetivos do curso:

Realizar uma discussão sobre saúde indígena a partir do impacto da covid entre os povos indígenas. Trazer conceitos das disciplinas de antropologia da saúde e de sociedades indígenas, especialmente, os que se vinculam à desigualdade em saúde e refletir como a pandemia agudizou o contexto colonial que pesa sobre os povos indígenas e como esses estão criando estratégias de cuidado e fomentando discussões epistêmicas.

Dinâmica e avaliação:

O curso será desenvolvido através de aulas não presenciais, conforme a Resolução CEPE n. 59/2020. Usaremos o zoom para aulas síncronas. E pelo email será disponibilizado o link da aula e material de leitura. Também, aulas gravadas e materiais estarão disponibilizados no google drive. Teremos 15 semanas de aula, em cada semana será discutido um tema com aulas online, gravadas, visualização de palestras, filmes e uso de podcast. Também, teremos um fórum de discussão a cada semana, somando ao todo 15 fóruns, quando vocês deverão escrever uma página ou parágrafo sobre o tema da semana com base nas discussões. Cada trabalho encaminhado em um fórum valerá 1 ponto. A nota final será a soma de 10 trabalhos e a presença também será computada a partir do envio dos 10 trabalhos.

A leitura prévia dos textos indicados no programa é obrigatória e fundamental para o andamento das aulas. Fiquem atentos com as participações nos fóruns, os quais cumprem a função de assegurar a presença e a avaliação da disciplina.

1ª Semana **Apresentação**

Diário de la Pandemia – Revista de la Universidad de México – Jun/20
<https://www.revistadelauniversidad.mx/releases/b5012a11-e10c-49bb-8207-dabf9b9ba223/especial-diario-de-la-pandemia>

2ª Semana
Povos indígenas e a colonização - instauração da máquina de guerra (genocídio)
Leitura: FAUSTO, Carlos. (2005). Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Leitura complementar: MBEMBE, A. 2018. Necropolítica. SP: n-1 edições.

Sentidos e relação com alteridade

Filme: Guerras do Brasil – 1º Episódio

3ª Semana

Teias da desigualdade, colonização

Leituras: LEANDRO, Maria E. 2010. Teias da saúde: desigualdades de saúde, saúde das desigualdades. In: BESSERMAN, H. (org.) Saúde e direitos humanos. RJ:MS. Fundação Oswaldo Cruz, Grupo Direitos Humanos e Saúde, Ano 7, n. 7.

BUTLER, Judith. 2015. “Introdução – vida precária, vida passível de luto”. In: Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? RJ: Civilização Brasileira, p. 13-55.

Palestra: Angela Davis e Judith Butler em conversa sobre a desigualdade

<https://www.youtube.com/watch?v=5IYpk1Zj-SU>

4ª Semana

Teias da Desigualdade, colonização

Palestra virtual: Silvia Federici

Canal Traficantes de Sueños

<https://www.youtube.com/watch?v=owGL58FdCPs>

Palestra virtual: Capitalismo y luchas contrahegemónicas en tiempos de pandemia

Canal Wambre – Medio Digital Comunitario

<https://www.youtube.com/watch?v=9cTp85Hma4E>

5ª Semana

Epistemologias indígenas e a covid

Relatos escritos: Francisco Apurinã, Jósimo Puyanawa e Valdelice Veron Kaiowá

6ª Semana

Epistemologias indígenas e a covid

Palestra virtual: Resistencias, insurgencias y luchas por la vida en tiempos de exterminios

Com Ailton Krenak, Silvia Ciscanqui e Gladys TzulTzul (Clacso Youtube)

https://oplas.org/sitio/2020/05/23/video-de-ecologia-politica-de-las-pandemias-iv-silvia-rivera-ciscanqui-gladys-tzul-tzul-y-ailton-krenak/?fbclid=IwAR2FMW4DYsN9zTe9u8GBxHr7eAr7Hc5VOEU4xZr4pJcMLhjWfG7C_vAhU10

Ler o texto: TZUL TZUL, G. Archipiélagos y Voluntad de Vida. 17 de abril de 2020. TEOR/ética DOCUMENTOS Buchaca Generosa – Ed.02 Gladys Tzul Tzul

7ª Semana

Epistemologias indígenas e formas indígenas de viver

Leitura:

Krenak, A. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo.

Krenak, A. 2020. O amanhã não está a venda.

Krenak, A. 2020. A vida não é útil.

8ª Semana

Epistemologias indígenas e formas indígenas de viver

Palestra virtual: Ailton Krenak

Vozes da Floresta: Ailton Krenak

Canal: Le monde Diplomatique Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w>

Ler as entrevistas de Ailton Krenak nessas duas revistas:

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-o-mundo-esta-chapado-de-tanto-consumo/>

<https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>

9ª Semana

Epistemologias indígenas e a covid

Palestra virtual: Mujeres luchadoras, resistencias y experiencias de vida para enfrentar la crisis

<https://www.youtube.com/watch?v=kCCVwFO6lSQ>

Canal Clacso TV: “Ecología política de las pandemias”. Sexto encuentro: Mujeres luchadoras, resistencias y experiencias de vida para enfrentar la crisis

E ver as falas de duas lideranças indígenas nos seguintes sites:

<https://www.youtube.com/watch?v=fhSUKoAWmeU>

“A doença nem faz barulho: é invisível!” - Münain Katupalá Mehinako | [#FiqueNaAldeia](#)

Youtube Instituto Socioambiental

<https://www.youtube.com/watch?v=NdIvOuFH1sI>

Por que vocês fizeram o contato com a gente?” - Melobo Ikpeng | [#FiqueNaAldeia](#)

Youtube Instituto Sociambiental

10ª Semana

Epistemologias indígenas e formas indígenas de viver

Leitura: Gladys Tzul Tzul: “Las mujeres indígenas reivindicamos una larga memoria de lucha por la tierra”. In: <https://www.revistaamazonas.com/2020/04/03/gladys-tzul-tzul-las-mujeres-indigenas-reivindicamos-una-larga-memoria-de-lucha-por-la-tierra/>

TZUL, TZUL, Gladys. La forma communal de la resistencia. In: Revista de La Universidad de México

Podcast Mundaréu: Episódio 5 (abril/2020): “Vozes na floresta e na universidade”

Tema principal: movimentos de mulheres indígenas

Convidadas: Artionka Capiberibe (Unicamp) e Patricia Barbosa (estudante Tukano na Unicamp)

11ª Semana

Epistemologias indígenas e a covid

Palestra virtual: Joziléia Kaingang – antropóloga

<https://www.youtube.com/watch?v=89tuspE7b9Q>

Canal do CIMI - O portal Desacato entrevista Joziléia Daniza Kaingang, uma das representantes da Frente Indígena

Ler as biografias das lideranças Kaingang:

- “Manoel Inácio e Joana Caetano e a tradição e luta dos Kaingang”, escrita por Joziléia Daniza Jagso Inácio Schild, nas Publicações Os Brasis e suas Memórias (o texto está em anexo) (<https://osbrasisesuasmemorias.com.br/category/etnias/kaingang/>)

- “À Luz forte de Fen’nó, a luta da guerreira Kaingang pela terra”, escrita por Joziléia Daniza Jagso Inácio Schild, nas publicações do projeto: Os Brasis e suas Memórias (o texto está em anexo) (<https://osbrasisesuasmemorias.com.br/category/etnias/kaingang/>)

Ler parte da dissertação de mestrado da Joziléia Kaingang, intitulada: Mulheres Kaingang, seus caminhos, políticas e redes, da UFSC, 2016 (capítulo 2) (está em anexo)

12ª Semana

Formas diversas de pensar e viver o adoecimento/covid

Os Yanomami e a covid

Leitura: GUIMARÃES, S. 2010. O drama ritual da morte. Revista Tellus, TELLUS ano 10, n. 19, jul./dez.

GUIMARÃES, S. 2020. Sobre mães, bebês e as cerimônias funerárias Yanomami em meio a pandemia da covid. In: Boletim extraordinário CAAF/Unifesp de enfrentamento da Covid-19. Mortos e mortes da covid-19: saberes, instituições e regulações V.1, N.12

13ª Semana

Formas diversas de pensar e viver o adoecimento

Leitura: KOPENAWA, D. & ALBERT, B. 2015. A Queda do céu: palavras de um xamã yanomami. (Parte: Fumaça do Metal, pp.221-374)

14ª Semana

Formas diversas de pensar e viver o adoecimento

Leitura: KOPENAWA, D. & ALBERT, B. 2015. A Queda do céu: palavras de um xamã yanomami. (Parte: A queda do céu, pp. 375-498)

15ª Semana

Retomando, refazendo o espiral

Diário de la Pandemia – Revista de la Universidad de México – Jun/20

<https://www.revistadelauniversidad.mx/releases/b5012a11-e10c-49bb-8207-dabf9b9ba223/especial-diario-de-la-pandemia>

Cada cabaça tem um jeito diferente e é uma mulher, todas foram feitas pelo Sol. A mulher (*mehi*) veio da cabaça. A primeira mulher (*mehi*) e as outras surgiram dessa história que irei contar e junto com elas vieram os resguardos, as práticas de cuidado com a corporalidade, fundamentais para a formação da pessoa *mehi*.

Sol e Lua eram dois compadres, dois homens, existiam só os dois no mundo. Lua tem preguiça, xinga, briga e atrapalha, por sua vez, Sol trabalha e organiza. Eles não são parentes (*bôpin*), mas compadres.

Eles fizeram uma roça e plantaram somente cabaças. Lua perguntou por que Sol estava plantando somente cabaças. Sol disse que queria uma mulher, porque delas se originam as pessoas. Depois Sol pegou uma semente do croá e plantou na mesma roça. Assim, metade da roça era de cabaça e a outra metade era de croá. Lua perguntou por que Sol estava plantando croá, ele disse que eram os homens.

Em seguida, Sol deixou uma marca na futura aldeia das mulheres-cabaças e dos homens-croás. Trata-se do círculo redondo, base das aldeias *Mehi*, no centro deste círculo encontra-se o pátio. Ao redor do pátio, Sol fez várias estruturas de palha, que serão as casas de cada mulher-cabaça.

Quando as cabaças estavam prontas, boas, maduras, Sol chamou Lua para ir com ele na roça, mas Lua estava com preguiça e não foi. Sol foi sozinho para a roça, andou por toda a rama de cabaças, olhando as cabaças, era manhã. E encontrou uma cabaça bem bonita, pegou essa cabaça e colocou dentro da água e falou: “Você irá virar uma mulher bem bonita”. Sol continuou falando que, de tarde, ela tinha que estar na casa dele. Quando a tarde chegou, Sol e Lua escutaram alguém fazendo barulho dentro do rio, era uma mulher-*mehi*. Lua falou com Sol que havia alguém fazendo barulho, Sol falou para Lua: “Calma não fique assim, não”. Lua queria ver quem era, mas Sol falou para não ir. Lua olhava para a estrada. Aí veio uma mulher com cabelo comprido, grande, bem bonita. Lua falou que a casa do seu marido é pra lá, assim ela seguiu para a casa de Sol.

Quando chegou lá, Sol a recebeu e falou que ela era a mulher que ele queria, aí dormiram juntos e, no outro dia de manhã cedo, ele foi caçar, mas antes passou na casa da Lua e pediu para ele não ir lá. Lua falou para Sol que não iria lá. Quando Sol sumiu no mato para caçar o caititu, Lua foi até sua casa e fez sexo com a mulher do Sol que era virgem. Depois desse evento, ela menstruou, quando Sol chegou do mato, a porta estava arrebentada e a mulher dele falou que ela estava sangrando. Sol disse que, de agora em diante, as mulheres iriam sangrar todo mês. Sol pegou urucum e pintou ela de vermelho, pegou umas palhas de pati e falou para ela ficar sentada e disse que enquanto ela estivesse sangrando ela não poderia banhar no rio, molhar a cabeça, só podia comer macaúba e milho. Esse foi o primeiro resguardo vivido pela mulher.

Sol dividiu o caititu ao meio e levou uma das bandas para Lua. Perguntou para Lua por que ele tinha mexido com a mulher dele. Lua pediu desculpas e disse que tinha que ser assim, ninguém tinha que ficar só com uma mulher. Sol falou que iria fazer uma mulher para Lua. Sol foi à roça, tirou uma cabaça com formato de pescoço definido, comprido, não era do jeito da mulher do Sol. E botou na água, aí, de tarde, a mulher de Lua saiu com o cabelo anelado, o pescoço mais fino e cabeça grande. No outro dia, ele retirou todas as outras cabaças da roça e jogou no rio. Pegou cabaças feias e bonitas, de todo o jeito e colocou dentro do rio. Sol falou para as cabaças que todas elas se tornariam mulheres e que, quando saíssem da água, elas deveriam ir direto para suas casinhas com seus companheiros.

Sol retornou à roça, tirou todos os croás e os colocou, também, na água, junto das cabaças. Ele falou: “Vocês são os homens dessas mulheres que estão aqui, cada mulher sairá da água e levará seu marido”. Cada croá tinha um jeito diferente, azul, vermelho e verde, tinha croá bonito, feito, de todo jeito. Todos eram magrinhos, não tinha grosso.

Assim, cada mulher pegava no braço dos homens e o casal saía andando em direção a suas casas de palhinha, cada casa tinha um casal. E, assim, foi feita a aldeia (*Mehi*). Sol falou que o sinal marcado no chão, o círculo, era o sinal dele. E avisou que se um dia esse sinal sumisse, todos iriam morrer e não restaria mais nada.

A casa é da mulher (*mehi*), ela é quem faz tudo. Ela faz a vida dos *Mãkerarè*, povo que originou os *Mehi*. Elas mantêm a casa, os rituais, as festas, as relações sociais. As mulheres fazem e os homens acompanham. Os rituais e festas acontecem quando há algum resguardo para ser feito com uma pessoa de uma casa. Assim, quando isso acontece, é feito um comunicado pelo homem-chamador no centro da

aldeia para os outros homens, que repassam essa informação em suas casas. Assim, todas as mulheres da aldeia iniciam a organização da festa.

Por isso, resolvi contar essa história a partir das mulheres-cabaças e homens-croás, fiz o sumário a seguir como cabaças e croás de uma mesma rama, compartilhando conhecimento/sabedoria entre si. Cada mulher-cabaça e homem-croá irá contar sua história de resguardo. As pessoas nascem indefinidas - sem o gênero definido- e precisam fazer resguardo para se tornarem mulheres e homens *mehi*. A palavra cabaça (*cukôn*), na língua *mehi*, é masculina e croá (*pàhxô*) é feminina.

Este trabalho foi estruturado e os dados que foram coletados foram organizados a partir do que os velhos e velhas *mehi* contaram sobre os resguardos, cada resguardo surgiu com a história de uma mulher-cabaça ou homem-croá, assim organizei essa história para contar sobre esta pesquisa. E esses velhos e velhas, que me orientaram, disseram-me que eu deveria tratar das mulheres-cabaças, pois por eu ser mulher, eu deveria trazer uma história ou narrativa das mulheres e assim faço a análise do material que levantei no trabalho de campo. Aqui a maneira como apresento as mulheres-cabaças como detentoras de conhecimento pode parecer estranho aos *Cupen* que sempre ouviram esta narrativa dos homens. Mas, enfatizo aqui que foram esses velhos, homens e mulheres, que me autorizaram a trazer a narrativa mostrando o conhecimento da mulher *Mehi*. Trazer essa versão com foco sobre as mulheres não é um problema para nenhum velho ou velha *Mehi*.